

António Nóvoa. *Viagem. Por escolas de Portugal*. Lisboa, Porto Editora, 2026

O livro *Viagem. Por escolas de Portugal* de António Nóvoa propõe uma exploração singular das escolas portuguesas contemporâneas, que realizou entre 2023 e 2025. Avisa-nos que, na experiência a que se propôs, determinou-se numa aproximação das instituições educativas sem roteiro ou preparação, procurando atender a cada gesto, palavra e encontro que pudesse revelar a vida escolar na sua diversidade e complexidade. Cartografar e diagnosticar são, a meu ver, duas palavras justas para definir esta sua aventura. Mais do que relatar práticas, o livro busca compreender os processos internos de mudança, combinando uma dimensão crítica e afectiva. Ao mesmo tempo, não ignora os obstáculos à renovação pedagógica, o que o leva, também a ele, a sublinhar a importância de se trilharem os caminhos de uma verdadeira pedagogia do trabalho, da cooperação e da convivialidade. Este livro ensaia um novo dispositivo inédito de escrita na carreira deste historiador e comparatista.

A abrir, avisa-nos que esta viagem se fez “sem preparação”, “sem roteiro” e “sem guião”. Tratou-se, para ele, de, simplesmente, “apenas estar, ver e ouvir” as pessoas; de “sentir o ambiente das escolas e falar livremente com alunos, professores, funcionários, diretores e pais, nas salas de aula, nos gabinetes, nas salas dos professores, nos refeitórios, nos corredores, nos pátios”. E acrescenta: “O que me interessa são as histórias — pequenas, mínimas, desconcertantes. Espero que a viagem transforme o meu olhar. Sem exposição ao outro, não há conhecimento. Quero dirigir a atenção para a pequena coisa — um gesto, uma palavra, um encontro, um episódio, um detalhe, um desenho, um rosto... — e não para as grandes teorias ou programas. Aproveitar os imprevistos, os acontecimentos, ver no ordinário o extraordinário. Ver para além da vista” (11).

O livro dá conta dos efeitos de uma viagem de conhecimento do próprio viajante, correspondendo à possibilidade de um desapossamento, o mais puro possível do seu autor, a uma experiência inédita no seu longo percurso académico. Aqui, Nóvoa quer arriscar-se, pôr-se à prova. Quer dar-se ao encontro. Procura um estar junto-ao-outro, a fim de recriar-a-si próprio.

Surpreende-nos, anunciando, desde logo, que, ao contrário de tudo o que escreveu antes, “tudo neste livro é ficção”. Tenta, de facto, pôr em movimento um dispositivo de escrita que, de todo em todo, nunca exibira publicamente. Reconhece que, neste livro, faz apenas “inventar situações e histórias”, aproveitando-se de “indícios e impressões” nas escolas. Mas adverte-nos, ao mesmo tempo, que em *Viagem. Por escolas de Portugal* não relatará “situações concretas”, nem tão pouco “estudos de caso” (13).

Adianta, ainda, que esta viagem lhe permitiu operar um outro movimento inédito. Mesmo sabendo-se de que, à sua maneira, todos os escritos, inclusive os académicos, são, de algum modo, autobiográficos. Nóvoa assume que, para ele, este livro “este é-o mais ainda”, confessando ao seu leitor: “aqui escrevo com a maior simplicidade de que sou capaz”; “descrevo as ‘coisas’ para falar das minhas perplexidades e inquietações”. E conclui — como que a dar-se conta de uma surpresa intempestiva que a mudança como sujeito da escrita lhe proporcionou esta situação nova — “este livro é um abuso!” (13). Esta experiência parece ter criado as condições de possibilidade e fez de facto emergir a hipótese da ficção e de uma

escrita de si no interior do académico que é, de facto, António Nóvoa. O que o leva a dizer, a dado momento, a afirmar que “escrever não é descrever, é pensar, o que nos obriga a pausar” (11). É neste preciso sentido que a viagem se tornou aqui, a meu ver, *uma experiência que pôs à prova e que se destinou, não apenas a mudar o carácter, mas a identidade mesma do viajante que, neste caso, se chama António Nóvoa.*

O livro tem duas partes. A maior, denominada a *Viagem*, corresponde a 20 verbetes em que cada um deles ilustra um dia do itinerário, “ainda que misturando episódios e realidades de várias Escolas”; a segunda parte – a que chamou *Depois da Viagem* - reúne notas e apontamentos variados, que a própria experiência foi suscitando, procurando, aí, debruçar-se sobre “temas centrais do debate educativo” e, naturalmente, a apresentar um “balanço” do que foi dado conseguir ver e conhecer” (13).

Todos os verbetes da primeira parte apresentam, na sua primeira e segunda páginas, o caminho percorrido a cada dia, caminho este que surge desenhado no mapa de Portugal, seguido de uma palavra-chave ou conceito-disparador específico também para o dia respetivo. Cada uma das 20 palavras escolhidas é sucintamente apresentada a partir da sua etimologia e do seu significado imediato, expresso em dicionários da língua portuguesa, para, em seguida, fazer a sua problematização em pequenos ensaios que, em média, se desenvolvem ao longo de 7-8 páginas.

Um por um, os 20 conceitos escolhidos surgem para serem construídos e ganharem corpo a partir da experiência *in situ*, a partir do encontro. São também eles conceitos-a-caminho, modalidades de praticar a hospitalidade ao outro, de entrar em relação. Percebe-se que, para Nóvoa, os conceitos são perceptos mas também afetos. Assim intuídos, permitem que uma geografia interior cresça e se desenvolva no diálogo com as pessoas e com o mundo no seu próprio estar-a-acontecer.

O objetivo central do livro é o de promover aberturas, estabelecer ligações e porosidades, tentando, desse modo, derrubar os muros em que a escola é, tantas vezes, não apenas vivida, mas também pensada e descrita. No conjunto, há conceitos que são mais próximos da mundividência educacional em que o autor tem circulado – *Avaliação, Pedagogia, Autoridade, Formação, Inclusão, Intervisão, Autonomia, Profissional* –, ao passo que os demais, que constituem a maioria, são consubstanciais aos debates acerca da mudança e dos futuros da nossa sociedade no seu conjunto. São eles: *Colaboração, Encontro, Comunidade, Cooperação, Relação, Convergência, Convivialidade, Contrato, Território, Cidade, Ambiente e Digital.*

A partir daqui, o autor adota uma postura crítica em relação ao presente, que vê como um tempo marcado por zonas de grande obscuridade. No seu entendimento, o campo educativo encontra-se saturado por discursos repetitivos, pouco estimulantes e, por vezes, até prejudiciais. Um dos principais desafios passa por contrariar as narrativas anti-escola que hoje proliferam, sobretudo nas redes sociais e em espaços de opinião, onde, frequentemente, se inviabiliza um debate informado e consistente. No seu entender, estes discursos tendem a repetir-se de forma cansativa ao longo do tempo, sustentados, mais em opiniões categóricas, do que em conhecimento fundamentado, com figuras mediáticas que contribuem para um ambiente que desvaloriza a reflexão crítica.

Em contrapartida, Nóvoa propõe uma outra forma de pensar a contemporaneidade: não como mera adesão ao presente imediato, mas como a capacidade de ganhar distância crítica para a

compreender melhor. Ser contemporâneo implica, assim, ler a realidade para além do que é mais visível, identificando problemas e também sinais de transformação já em curso. Nesta perspetiva, defende uma esperança informada e construída a partir da análise rigorosa do real. É nesse horizonte que se insere o seu trabalho na UNESCO, nomeadamente na cátedra “Futuros da Educação”, ligada ao Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Para o autor, apesar de muitas vezes invisíveis, existem já múltiplas iniciativas dispersas — sociais, educativas, políticas e culturais — que constituem um terreno fértil para a construção do futuro, devendo ser reconhecidas, articuladas e potenciadas como caminhos possíveis de transformação.

Ao longo do texto, o autor evidencia uma preocupação constante em observar, problematizar e interpelar as instituições educativas, a partir das dinâmicas de participação cívica no espaço público, sublinhando a necessidade de produzir o comum e de fomentar comunidades alargadas de diálogo que ultrapassam os limites da escola. Atribui particular relevância às novas territorialidades e à redefinição das relações entre a escola e a cidade, entendendo o território, não como mero enquadramento geográfico, mas como espaço de presença, interação e pluralidade.

É neste sentido que formula um dos dilemas centrais da educação contemporânea: a construção de uma ligação efetiva ao território sem perda da identidade própria da escola. Como afirma, “a escola é escola, mas habita um território”, sendo este entendido como um espaço de participação que integra diferentes perspetivas; o desafio reside, assim, em articular essa inserção territorial com a preservação da autonomia e da especificidade do trabalho educativo (p. 54).

Nóvoa questiona-se, uma e outra vez, sobre o que possa ser uma verdadeira *pedagogia do trabalho*, destinada a compreender e a aprender a fazer. Este é, a meu ver, o problema fundamental que o livro coloca. O nosso tempo exige a generalização e a democratização do ato da criação a partir da vivência escolar de cada aluno. Para tal, identifica, no interior próprio espaço escolar, outras centralidades que já não são as da velha sala de aula. Afirma que o maior desafio do nosso tempo é o da “formação do espírito, o que exige trabalho, que é, antes de mais, trabalho sobre si mesmo”. Para tanto, continua, “não basta frequentar obras exaltantes”; é necessário “adquirir o domínio dos instrumentos que nos permitam criá-las, que nos permitam avançar no conhecimento ou aceder a formas sofisticadas de expressão”. Cada aluno deve ser constituído como um “ator de cultura” (63). Defende que “o melhor passa-se, muitas vezes, fora da sala de aula”, na biblioteca, no laboratório, em assembleias de alunos.... , que vê como espaços democráticos”(148).

O autor sublinha, amiudadas vezes, que a base de transformação das instituições educativas se encontra numa pedagogia da cooperação, da participação e da convivialidade. A comunidade educativa forja-se na igualdade do trabalho e na intensidade que nele todos investem. Ela traduz, por isso, uma arte “do encontro com os outros e que esta “arte do encontro” é “uma dimensão central da educação”, numa relação “fecunda entre mestres e discípulos”, concluindo que “a escola é um lugar artificial, uma invenção humana, um lugar de promessas” (59). E logo faz questão de, por um lado, recordar que a “participação” é constructo que “dá muito trabalho”, exigindo “capacidade de escuta, justiça, respeito, democracia” (84).; e de defender, por outro lado, que “o trabalho cooperativo é, também, o melhor meio para não deixar nenhum aluno para trás, perdido nas últimas filas da turma”. Avança, então, com a tese, muito presente nos seus últimos escritos, de que “só através de uma pedagogia do trabalho conseguiremos incluir todos os alunos, dando-lhes a oportunidade

de terem verdadeiramente acesso aos conhecimentos e às experiências que fazem parte da realidade escolar” (85).

A *Viagem* termina com um balanço. Concluído o périplo pelos quatro cantos de Portugal, defende que é preciso “proteger, transformar e valorizar” as escolas e os seus docentes, proteger “essa instituição “única e insubstituível que se chama «escola», em particular na sua dimensão pública”. Reafirma a tese segundo a qual “valorizar o presente é a única maneira de manter aberto o futuro. Não para o antecipar ou controlar, mas para assumir a incerteza e alargar o horizonte” (183-184).

No final da viagem, é levado a reconhecer que ficou com a impressão de “uma estranha familiaridade”. É que “as escolas são muito diferentes, obviamente, mas, ao mesmo tempo, são muito semelhantes”. E pergunta-se: Será mesmo assim, ou são os olhos que me enganam?” (199). Do exposto na vintena de verbetes, afirma ter ficado com um misto contraditório de impressões. No final, impõe-se, tanto as zonas de escuridão como as formas da luz; dir-se-á que é o que acontece sempre a quem quer ser digno do seu tempo. Também Nóvoa parece afirmar a necessidade de um *terceiro olho*, aquele que faça ver a vida para lá das aparências falsas e permita ficar, efetivamente, na posse do conhecimento de tudo quanto nos enfraquece e imobiliza.

Primeiro, o lado solar da escola e o que o surpreendeu pela positiva. Refere-se ao “acolhimento dos alunos”, o que coloca a escola hoje como um espaço seguro de hospitalidade, afastada da crescente intolerância que cresce fora dela. Nóvoa nota que “em praticamente todas as escolas”, assistiu “a gestos de tenção e de cuidado por parte de funcionários, diretores e professores”. A escola afirma-se como lugar que integra e cuida dos “alunos em situação de vulnerabilidade, nomeadamente devido a condições de deficiência” (199-200). E o mesmo afirma quanto ao modo como os estudantes estrangeiros são recebidos.

No entanto, a par destas possibilidades de renovação, António Nóvoa identifica o reverso sombrio da realidade educativa, designado como “inércia pedagógica”. Esta, a seu ver, permanece amplamente intacta, apesar da proliferação de discursos que enfatizam a inovação, o uso de tecnologias e a diversificação de recursos e projetos em contexto escolar. A sua análise é particularmente incisiva, ao reconhecer que uma das maiores fragilidades do sistema reside, precisamente, na dificuldade de transformação das práticas pedagógicas, traduzida numa “incapacidade de renovação pedagógica por parte dos professores e das escolas” (p. 202).

Esta constatação sustenta-se pela observação de que, embora se verifiquem mudanças com algum significado ao nível discursivo e organizacional, no interior da sala de aula persistem formas de trabalho empobrecidas e pouco abertas à mudança. Como refere, mantém-se uma lógica de reprodução do modelo escolar tradicional, como se esta fosse a única forma de garantir estabilidade em contextos marcados pela incerteza. Tal situação revela, não apenas a ausência de condições estruturais, mas também uma dificuldade em mobilizar energia coletiva para experimentar novos processos de ensino e aprendizagem.

Neste contexto, a introdução das tecnologias surge, frequentemente, como a principal — e por vezes única — manifestação de mudança. Todavia, Nóvoa alerta para o carácter acrítico dessa integração, sublinhando que os dispositivos digitais tendem a ser encarados como facilitadores do trabalho docente e como elementos motivadores para os alunos, sem que haja uma reflexão aprofundada sobre os impactos do seu uso, nomeadamente quando este é inadequado.

Por último, propõe uma distinção particularmente elucidativa entre a abundância de “projetos” e a ausência de um verdadeiro “projeto” educativo. Se, por um lado, as escolas desenvolvem múltiplas iniciativas que enriquecem a sua dimensão cultural e social, por outro, evidencia-se a falta de uma orientação consistente centrada no núcleo da pedagogia. Esta ausência traduz-se numa dissociação entre os espaços de inovação — frequentemente situados fora da sala de aula — e a relativa imutabilidade das práticas pedagógicas no seu interior. Trata-se, como reconhece, de um diagnóstico exigente, mas indispensável para compreender a distância entre a ambição de uma “escola para todos”, inclusiva e democrática, e a sua efetiva concretização.

Na parte final da sua reflexão, António Nóvoa projeta a necessidade de um novo contracto social da educação, adequado a um tempo que caracteriza como sendo de encruzilhada. Esta renovação é entendida como um processo necessariamente complexo, que envolve o conjunto da sociedade, mas que não pode ser conduzido de forma centralizada. Pelo contrário, deverá assentar na identificação, valorização e articulação das múltiplas experiências educativas já em curso a nível global, exigindo, simultaneamente, um investimento reforçado na investigação que permita sustentar, de forma consistente, os caminhos de transformação.

Neste quadro, sublinha a importância de estudar, analisar e debater as práticas existentes, evitando soluções abstratas ou descontextualizadas. Reafirma, ainda, um princípio fundamental: qualquer horizonte de mudança deve preservar e reconhecer o papel estruturante das escolas e dos professores, rejeitando visões que os excluam de um hipotético futuro educativo.

Trata-se, numa palavra, de encontrar novas condições de possibilidade. De descobrir como articular conhecimento, experiência e responsabilidade coletiva. Toda uma outra viagem!

Apresentação por Jorge Ramos do Ó

Instituto de Educação da Universidade de Lisboa-

<https://orcid.org/0000-0003-1013-9244>

jorge.o@ie.ul.pt)

Data de submissão: Março, 2026

Data de avaliação: Março, 2026

Data de publicação: Maio, 2026